

## **MANUEL BANDEIRA: UM POETA DE VANGUARDA**

*Magda Simone de Toni* (UEMS)

[m.magdadetoni@gmail.com](mailto:m.magdadetoni@gmail.com)

*Daniel Abrão* (UEMS)

[danielabrao7@gmail.com](mailto:danielabrao7@gmail.com)

### **RESUMO**

Este estudo visa apresentar a vanguarda na literatura brasileira por meio da contextualização dos períodos artísticos literários e da análise da poesia "Vou-me Embora pra Pasárgada", de Manuel Bandeira (2008), enfatizando o poeta como um representante vanguardista do Brasil. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica dos referenciais teóricos da poesia de Manuel Bandeira. Espera-se neste artigo apontar as características dos movimentos artísticos que representaram as mudanças ocorridas na literatura e em seu contexto.

**Palavras-chave:** Literatura. Vanguarda. Manuel Bandeira. Poesia. Modernismo.

### ***1. Introdução***

O presente artigo tem por objetivo esclarecer a vanguarda na literatura brasileira por meio da contextualização dos períodos artísticos literários e da análise da poesia "Vou-me Embora pra Pasárgada", de Manuel Bandeira (2008), enfatizando o poeta como um representante vanguardista do Brasil. A expressão vanguarda passou a ser utilizada a partir do século XX e seu significado está relacionado à novidade, à criatividade, à diferença, sendo uma maneira que o artista tem para desenvolver e encontrar sua poética e caracterizar suas produções com marca pessoal e inovadora.

Abordaremos os seguintes períodos: Romantismo, Indianismo, Sertanismo, Realismo, Parnasianismo, Naturalismo e Simbolismo com a intenção de contextualizar a noção de vanguarda com a qual foi construída a literatura no Brasil até chegar ao Modernismo, período em que se destaca o poeta Manuel Bandeira com sua obra tão cheia de novidades e sentimentos.

Na análise da poesia "Vou-me Embora pra Pasárgada", Manuel Bandeira (2008) destaca a necessidade que o povo brasileiro tem, até os dias atuais, de manter o sonho e o desejo de uma vida melhor, num lugar onde tudo pode acontecer, realizações que nem sempre são possíveis na vida real, inclusive pelo fato de que as vezes o próprio destino prega uma peça e a doença ou as circunstâncias impedem a realização dos mais simples desejos.

Manuel Bandeira teve seu destino traçado por uma infeliz doença, a tuberculose, que trouxe a ele a incerteza de todos os momentos e o risco de morte que assombrava seus dias, assim, teve uma vida marcada pelo sentimento de desânimo, de incerteza, de revolta e expressou-se perfeitamente por meio de seus versos, considerado pela crítica um poeta de vanguarda.

## **2. Vanguarda e seu contexto na literatura**

Vanguarda é uma expressão que passa a ser mais utilizada a partir do século XX e, segundo Ferreira Gullar (1978), seria a expressão mais inovadora de movimentos artísticos, de grupos ou mesmo individualmente que imprime uma marca, atitude, força ou poética nova que rompe padrões, inventa estilos e gera polêmica na maioria das vezes.

Essa renovação esperada surge na história a partir do Romantismo na Europa e, desde então, passa a existir um novo público para a arte, a burguesia, que com sua riqueza tenta ganhar poder político e influenciam na inovação artística. A ideia era trazer para a burguesia os direitos antes possíveis apenas para a nobreza. Dessa maneira, lutam pela expressão de novas ideias, pela liberdade do pensamento.

Neste contexto, muda o papel do intelectual, que deverá a partir de então servir a nova classe e esse novo público. O artista romântico modifica seus objetivos, tentando mostrar que o sentimento e o pensamento, centrados na ideia do eu, são mais importantes do que todo o resto, mais importantes até que a própria realidade.

Nesse sentido, é válido destacar as ponderações feitas por Rosenfeld sobre o Romantismo:

O que agora importa na indagação já não é tanto a obra (e sua apreciação) quanto o poeta e o ato criativo. [...] aos românticos tende a importar mais a auto-expressão da subjetividade do poeta. A verdade poética não é mais obtida pela "imitação da natureza" e sim pela "sinceridade" e "autenticidade" da auto-

expressão. A obra, antes válida enquanto objeto perfeito, vale agora sobretudo enquanto revelação da verdade íntima do criador. (ROSENFELD, 1969, p. 149)

Essa tendência centralizada no indivíduo leva ao subjetivismo que aparece mais acentuado no Romantismo: é com essa mudança de interesse que se busca identificar no período romântico a singularidade do indivíduo e o seu contexto histórico e nacional. Os românticos passam a entender a obra de arte como expressão da sensibilidade, da emoção, e valorizam a liberdade de criação ao modificarem seus ideais e passam a recusar os cânones para inserir características mais particulares em suas produções.

É a partir do Romantismo que surgem os movimentos artísticos nos quais os representantes das mesmas ideias se unem para ter mais força de manifestação contra o sistema. Os românticos expressam a audácia, o desprendimento, o sonho, que mudam a característica dos artistas que se opõem a vida cotidiana imposta pela burguesia. Defendem ideias libertárias, centrados nas ideias de individualidade burguesa, desta feita fazem palestras, propagandas, cursos, antologias e se tornam mais politizados.

Neste contexto, a burguesia continua o seu desenvolvimento por toda a Europa e

O que se deu é que os protestos românticos não impediram a burguesia de continuar sua marcha, ampliando seu poder por toda a Europa, desenvolvendo a economia, as ciências, as técnicas. A imprensa, o livro, a fotografia, a ampliação do público leitor, são dados novos que acentuam o marginalismo do artista *maudit*. E, paralelamente ao crescimento industrial, prolifera o operariado, a nova classe revolucionária, com a qual o artista de então não tem possibilidade de diálogo. (GULLAR, 1978, p. 29)

Ao sentido de vanguarda é possível associar as ideias de mudança que passam a fazer parte da história, os processos de mudanças vão surgindo, sempre um novo movimento contrapõe as ideias do movimento anterior. Assim, após o Romantismo, segundo Ferreira Gullar (1978), surge a “arte pela arte”.

A postura do artista no Romantismo levou os próprios artistas à conclusão de que a obra de arte não precisava necessariamente defender ideias patriotas, sociais ou econômicas; a arte estava libertada das questões vividas pela sociedade, foi o início da ideia de que a obra de arte tem sua importância e contém em si mesma o sentido, e o artista, passa a pensar na vida, na obra de arte e na metafísica.

Segundo Ferreira Gullar (1978), Stéphane Mallarmé em sua arte destrutiva confirma que ela precisa de contradição como dado insuperável da vida real. Outros movimentos, posteriormente, surgiram no contexto das vanguardas e foram se construindo em meio às necessidades que os artistas tinham de se expressar e de dialogar com os caminhos possíveis no exercício da liberdade e inseridos no contexto cultural.

Muda a poesia, a pintura, a escultura: surge a arte com os elementos *ready made*, que desafiam o conceito de arte estabelecido até o momento, provocando a crítica e trazendo a reflexão sobre o que é esta arte, pois são movimentos autorreflexivos e de consciência crítica sobre o fazer artístico, centrados em artistas que estavam também presentes no debate público sobre a arte.

Assim, os conceitos e valores do homem e da sociedade são questionados e modificados, a história caminha e se altera, e com ela transformam-se os homens. "Toda literatura apresenta aspectos de retardamento que são normais ao seu modo, podendo-se dizer que a média da produção num dado instante já é tributária do passado, enquanto as vanguardas preparam o futuro". (CANDIDO, 1989, p. 146)

No Brasil, sempre chegaram com atraso as influências dos movimentos artísticos que ocorreram na Europa desde o século XVIII, desta feita o país continuou a sofrer essa influência no século XIX, que se espelhava na Europa, parecia ser este o caminho a seguir.

A partir dessa fase, os escritores brasileiros procuravam dar à literatura uma nova roupagem, almejavam a autonomia. Surge dessa maneira, o Indianismo, pois foi um movimento que apostava na singularidade das condições brasileiras dentro do contexto de influência europeia do Romantismo. Este movimento nasceu dentro do Romantismo, mas trouxe a intenção de superar as ideias do mesmo. Assim, abriu-se caminho para outro movimento, o Sertanismo, que defendia as ideias de que o Brasil de verdade deveria ser o Brasil do interior, o sertão, e não deveria ter influências europeias.

O Sertanismo vem substituir o Indianismo em seu declínio na tentativa dos autores de mostrar que o Brasil verdadeiro seria o Brasil do sertão, assim, os sertanistas apresentavam cenários e personagens do interior para dar um sentido nacional a seus trabalhos, os escritores faziam esforço para superar os modelos externos e davam importância ao homem do interior, ao trabalhador da terra, por este aspecto, tomavam forma às descrições dos cenários típicos do interior com seus personagens,

costumes e linguagens temáticas que foram amplamente utilizadas na tentativa de expressar um Brasil verdadeiro. No entanto, parece que essa tentativa de retomar o quadro brasileiro por este viés tem uma característica que remonta quase que a um realismo tardio.

Ainda em relação ao Sertanismo, é válido ressaltar, que Menotti Del Picchia é uma referência importante, pois quando escreveu *Juca Mulato* tinha a intenção de apreender a imagem do homem local responsável pela tarefa árdua de promover o desenvolvimento do país. Sua preocupação com o nacionalismo e com a característica de uma arte bem brasileira é primordial no sentido de que não deveriam os artistas brasileiros se render aos padrões vindos de outros países, precisariam romper com os padrões de escrita e buscar uma forma mais moderna de representar o próprio país.

Todos esses acontecimentos no Brasil são totalmente diferentes dos acontecimentos na Europa. No Brasil, as questões sociais, políticas e econômicas sofrem transformações e começam a tomar um novo rumo: a economia cafeeira traz o crescimento da vida urbana, aumenta o número de funcionários públicos e de trabalhadores nas mais diversas funções, o que modifica o cenário social, econômico e político. Levando em conta essas mudanças, o número de estudantes e de intelectuais que vem da classe média mais recente também se amplia. Ocorre também uma mudança no ensino médio e superior, e ao mesmo tempo gera incoerências no progresso econômico por apresentar diminuição da oferta de mão-de-obra que até este momento era predominantemente escrava.

O escravismo era visto como um problema que atrapalharia o desenvolvimento do país, por outro lado, depois de ideias revolucionárias importadas, segundo Ferreira Gullar (1978), em que ocorreram, por exemplo, a vulgarização da filosofia materialista por Tobias Barreto. Em outros

[...] setores penetraram o Positivismo de Auguste Comte, o Laicismo liberal de Léon Gambetta, o negativismo religioso, o republicano, o enonomismo, o saint-simonismo, o individualismo de Ernst Heinrich Philipp August Haeckel, o simbolismo de Charles-Pierre Baudelaire, o naturalismo de Émile Zola (GULLAR, 1978, p. 36),

o país mergulha num processo revolucionário, enquanto tudo isso acontece, as mudanças no Brasil se concretizariam por meio da Abolição dos escravos e na República.

Na área da poesia, ainda, permanece a linguagem romântica de

temática nacional que apresenta a sociedade com ideais progressistas. Naquele período os movimentos artísticos não são tão longos e acontecendo ao mesmo tempo, mudam com as ideias dos outros e às vezes se confundem, é neste contexto que surge então o Realismo, o Parnasianismo, o Naturalismo e o Simbolismo, que eram compostos por ideias novas, grande desejo de mudança, o país, deste modo, vive a modernidade.

O Naturalismo, apresentando um caráter cientificista não faz tanto sucesso assim: as obras de Aluísio de Azevedo são mais romances de costume; o romance urbano se acentua nas obras de Machado de Assis e de Lima Barreto. Outra ala do Naturalismo vai se ligar ao Sertanismo que também tem seus destaques como é o exemplo de Euclides da Cunha, contando também com o Regionalismo de Simões Lopes, Monteiro Lobato, Afonso Arinos e Alcides Maia, foi cedendo espaço para um pensamento outro, que seria proposto em 1999 com o surgimento do simbolismo.

Certos intelectuais, no início da República, procuram se afirmar por meio do Simbolismo: um sentimento de desprezo pela sociedade e pela realidade do dia a dia, como no caso de Cruz e Souza, Alphonsus Guimarães e Raul Pompeia.

Adiante, surge o Modernismo, que é considerado como uma explosão de todas as ideias anteriormente cultivadas (o que havia sido feito até a presente data seria passado), e que apontava para uma literatura com um propósito de amadurecimento e consciência jamais sentidos antes.

A Semana de Arte Moderna de 1922, que ocorreu em São Paulo, marca a nova fase de desenvolvimento brasileiro, assinalando uma transformação da sociedade no aspecto material muito mais do que o aspecto cultural autônomo, e que resgatam algumas características do passado, do Indianismo, do Regionalismo, do Sertanismo e até do Romantismo por querer criar uma língua brasileira. Criam então o estilo brasileiro na literatura.

A sociedade brasileira transformou-se, e com ela a necessidade de movimentos artísticos inovadores também apareceu. Esses movimentos trouxeram as vanguardas, as novidades e as influências trazidas de outros países, que foram reestruturadas, como as formas e os processos criativos. De certa maneira, o nacionalismo foi um sentimento básico para a realização dessas transformações ocorridas no Brasil neste período.

O final da Segunda Guerra Mundial também foi fundamental para as mudanças que ocorreram. Havia um movimento, um interesse maior pela paz e pela democracia, a população tinha esperança, otimismo e sede de renovação. Houve o restabelecimento do comércio e do consumo, e no campo cultural foram retomadas as tendências internacionais principalmente no que diz respeito às artes plásticas, porém, na literatura, e especificamente na poesia não foi exatamente assim que aconteceu

[...] nessa altura, a poesia brasileira atingira alto nível técnico e expressivo, incorporando organicamente as conquistas da língua poética moderna, de tal modo que a reabertura do intercâmbio cultural com o exterior não revelou às novas gerações nenhuma novidade radical capaz de levá-las a uma ruptura com os mestres da época: Drummond, Murilo Mendes, Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade. Pelo contrário, no essencial, a chamada “geração de 45” não fez mais que desenvolver, no plano formal, as tendências implícitas na poesia anterior. (GULLAR, 1978, p. 41)

No campo da poesia e das artes plásticas percebe-se o abandono da temática nacional e da pesquisa formal. Nas artes, sobretudo a partir de 1922, os movimentos de vanguarda apresentam papel fundamental, pois, enquanto as escolas europeias estavam partindo para a abstração, aqui no Brasil os artistas não seguiam mais à risca os modelos europeus. Ao contrário disso, dedicavam-se a uma arte bem brasileira com características peculiares, dando início a vários movimentos, como por exemplo o Pau-Brasil, o Verde-Amarelismo e o Atropofagismo, que, de forma determinante corroboraram para fomentar e divulgar cada vez mais uma arte de caráter legitimamente nacional.

A literatura brasileira foi se modificando com o tempo e um fato que marcou a história dessa transgressão na poética dos artistas é fortemente reconhecido a partir da Semana de Arte Moderna de 1922. Ressalta-se aqui, a importância de três grandes nomes como: Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, que contribuíram para uma escrita genuinamente brasileira.

A partir desta breve contextualização, sobre a ideia de vanguarda, entre tantas outras possíveis de se explorar, será abordada, neste artigo, a poesia de Manuel Bandeira, artista que representa uma figura curiosa, cheio de novidades e com características de vanguarda em sua obra, um poeta brasileiro que merece respeito e teve reconhecimento por traduzir sentimentos da vida cotidiana com maestria e requinte na poesia, sua maravilhosa forma de expressão artística é carregada de autenticidade.

### 3. **Manuel Bandeira: um modernista de vanguarda**

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho nasceu no Recife, em 19 de abril de 1886. Faleceu em 13 de outubro de 1968. Morou no Rio de Janeiro e em São Paulo. Volta com a família para Pernambuco e lá passa quatro anos, período que ele chama de “armação de sua mitologia”. Descreve na obra *Itinerário de Pasárgada* (1954), sua infância e realiza uma espécie de biografia intelectual, conta sobre as leituras de poesias que realizou e poetas com quem conviveu.

Antes de chegar ao objetivo que apresenta a vanguarda em Manuel Bandeira é necessário conhecer um pouco mais de sua biografia e produção. Por influência de seu pai, Manuel Bandeira teria sido arquiteto, matriculando-se na Escola Politécnica em São Paulo, no ano de 1903, mas por ocasião de sua doença do pulmão em 1904 abandona os estudos e volta para o Rio de Janeiro, procurando por locais de clima adequado para seu tratamento, tais como Campanha, Teresópolis, Maranguape, Uruquê e Quixeramobim. Participou de concurso na Academia Brasileira de Letras e estudou rimas toantes, que mais tarde seriam utilizadas em seu livro *Carnaval* (1919).

Escreveu seus primeiros versos livres influenciado por Apollinaire, Charles Cros e Mac-Fionna Leod. Partiu para a Europa, em junho de 1913, em busca de um tratamento para a tuberculose, no sanatório de Clavadel; fez amizade com Paul Eluard e Charles Picker. Voltando ao Brasil, leu obras de Goethe, Lenau e Heine.

Passou muito tempo refletindo sobre sua própria escrita, aprendeu a técnica do verso, voltou para o Rio de Janeiro, publicou então seu primeiro livro, *A cinza das horas* (1917), e em 1919 publicou *Carnaval*, uma edição que fora financiada pelo seu pai.

Complementando essas informações, vale ressaltar que Manuel Bandeira foi um dos escritores brasileiros que melhor compreendeu a obra de Stéphane Mallarmé, inclusive, em 1942 foi convidado, pela Academia Brasileira de Letras – ABL, para realizar uma conferência comemorativa em homenagem ao centenário do poeta. Já sendo um leitor de Stéphane Mallarmé por interesse pessoal, o trabalho encomendado pela ABL só contribuiu para ampliar seu conhecimento e demonstrar o apreço que tinha por ele. Discorreu sobre a vida de Stéphane Mallarmé e demonstrou seu bom entendimento da obra, tanto no que diz respeito à poesia como também sobre os textos críticos. Referiu-se a poesia de Stéphane Mallarmé como uma poesia de circunstância e como exemplo desta-



cou as obras *Hérodíade*, *L'après-midi d'un faune* e *Un coup de dés*. Mais tarde o próprio Manuel Bandeira publicou um livro com suas poesias de circunstância, como é o caso de *Mafuá do Malungo* (1948).

À concepção, na linha de Mallarmé, de que a poesia “está nas palavras, se faz com palavras”, dependendo da formação técnica e da aprendizagem, se junta a concepção da poesia como transe ou súbita inspiração, fazendo na encarnação da paixão no poema um dos problemas mais instigantes da poética bandeiriana. (ARRIGUCCI JUNIOR, 2003, p. 130-131)

Manuel Bandeira não dava muita importância a essas poesias de circunstância. Escrevia para os amigos, parabenizava, felicitava as pessoas próximas com seus versos, em sua humildade não julgava que tais escritos fossem importantes. Possuía essa característica da simplicidade muito forte em sua personalidade. Mais tarde veio a publicar um livro com essas poesias.

Durante sua trajetória acompanhou as mudanças do Brasil e as grandes transformações no contexto artístico, na música, nas artes plásticas e na literatura que estavam em processo de construção de uma arte caracteristicamente bem brasileira. No ano de 1922, mesmo não participando da Semana de Arte Moderna, Manuel Bandeira já apresentava características modernistas em sua poesia. Publicou ainda o volume *Poesias* (1924), e a partir deste ano escreveu artigos para o *Mês Modernista*, um jornal conhecido daquela época, por insistência de seu amigo Mário de Andrade.

O poeta também escreveu crônicas semanais e fez tradução de peças de teatro. Em 30 de novembro de 1940 assumiu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Editou *Poesias Completas* e *Poesias Escolhidas* em 1948 e o poeta João Cabral de Melo Neto editou seu livro *Mafuá do Malungo* (1948) em Barcelona. Em 1954, publicou o livro *Itinerário de Pasárgada*, com a capa projetada por Carlos Drummond de Andrade.

Neste, Manuel Bandeira relata sua infância, como desenvolveu o gosto pela literatura, cita os poetas que leu, isto é, faz um apanhado de sua base para a formação literária.

Manuel Bandeira foi um poeta inovador, percebe-se a capacidade de tratar de temas do cotidiano com tanta sabedoria, criatividade e imaginação, que apresenta uma poesia com aspecto vanguardista.

Nesse contexto, serão abordados a seguir alguns poemas para conhecer e analisar um pouco da obra de Manuel Bandeira. Inicia-se com o poema "Epígrafe" (1917), do livro *A Cinza das Horas*:

**Epígrafe**

Sou bem nascido. Menino,  
Fui como os demais, feliz.  
Depois veio o mau destino  
E fez de mim o que quis.

Veio o mau gênio da vida,  
Rompeu em meu coração,  
Levou tudo de vencida,  
Rugiu como um furacão,

Turbou, partiu, abateu,  
Queimou sem razão nem dó –  
Ah, que dor!  
Magoado e só,  
– Só! – meu coração ardeu.

Ardeu em gritos dementes  
Na sua paixão sombria...  
E dessas horas ardentes  
Ficou esta cinza fria.  
– Esta pouca cinza fria...

(BANDEIRA, 2008, p.43)

Manuel Bandeira expressa nesse poema a dor de ter confirmado a doença (tuberculose), a triste limitação que esse diagnóstico trouxe para sua vida, a desilusão, o medo, a impotência do ser humano frente aos problemas que não pode resolver. Neste livro, o poeta já apresentava as características que lhe trariam o reconhecimento mais tarde. A obra encontra-se ligada ainda ao Simbolismo, uma fase mais intimista, mais conectada a sua própria existência, aos seus problemas, a sua desilusão, o sentimento que nutre sobre a doença ter lhe tirado o futuro promissor, a impossibilidade da realização do desejo de ser arquiteto.

Nesta ocasião, percebe-se o sentimento de impotência e de tristeza que aparecem evidentes na expressão “cinza das horas”, as horas que passam e não voltam, não perdoam, não esticam. O confinamento de cada um em seu destino e o de Manuel Bandeira na privação de tudo aquilo que poderia viver e não viveu por causa da doença.

Cabe lembrar que os fatos ocorridos na vida do poeta não são suficientes para explicar a sua trajetória poética, nem mesmo seria o ideal para a realização de um estudo mais detalhado do artista e sua obra. Não seria adequado utilizar somente dados bibliográficos, deste modo, vale ressaltar que o EU-lírico percebido no livro *Cinza das Horas* já traz o aspecto melancólico que é independente da doença do poeta. É uma obra

que está dentro das convenções líricas, feito de poesias metrificadas e rimadas. Segundo Camillo Cavalcanti (2017), é a partir desta obra que Manuel Bandeira passa a ser reconhecido como um poeta doentio e melancólico.

No livro *Carnaval* (1919), no poema *Os Sapos*, ele zomba da estética parnasiana, que valorizava muito o rigor formal. Manuel Bandeira defende que a forma e o conteúdo fazem parte de uma única maneira de escrever poesia. Este poema foi declamado na Semana de Arte Moderna de 1922 e muito criticado por representar a mudança; neste aspecto percebe-se que Manuel Bandeira já era um poeta de vanguarda, sua poesia inicial era marcada pelo sentimento, a dor, a insatisfação, a falta de opção que a doença lhe trouxe e o medo da morte, que após o diagnóstico trouxe este alerta de risco constante. O poeta já havia elaborado o EU-lírico e se mostrava interessado em outras maneiras de escrever poesia, apresentando em sua escrita a revolta com o habitual.

A partir da referência ao livro *Carnaval*, torna-se mais frequente, no *Itinerário*, a explicação do poeta sobre a gênese dos seus poemas, como é o caso do emblemático “Os sapos”. A propósito de tal poema, Manuel Bandeira faz a primeira menção à geração modernista, dando ao relato autobiográfico uma outra dimensão, que é a da biografia de grupo: a história de sua formação como poeta aproxima-se, então, da história do movimento modernista no Brasil, sempre a partir de um viés lúcido e crítico – marca da reflexão bandeiriana sobre a literatura e as artes em geral, nas crônicas, nos ensaios e nas cartas. (ROCHA, 2011, p. 7)

A crítica sinaliza que Manuel Bandeira, a partir do poema *Os sapos* apresenta uma ruptura com sua própria maneira de escrever e expressa a partir desta obra uma poesia muito mais livre, ousada, marcando assim a mudança de um poeta iniciante e intimista para um poeta livre e ousado.

Manuel Bandeira, deste modo, deixaria para trás a poesia parnasiana, protestando e rejeitando a velha forma de fazer poesia; com essa mudança tornou-se um poeta importante como referência para o Modernismo.

De todo modo, a poesia de Manuel Bandeira passou por modificações ao longo dos anos. Escreveu versos livres na poesia “Vou-me Embora pra Pasárgada”, e essa inovação em sua produção pode ser considerada uma poética de vanguarda, que passou a figurar no Brasil a partir do Modernismo e representa uma novidade, segundo assegura Davi Arriucci Junior (2003) em suas ponderações sobre o poeta:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Nos ensaios, nas crônicas, nas cartas e num livro em especial, o *Itinerário de Pasárgada* (1954), ele se entrega a essa reflexão crítica sobre o próprio ofício, que é, aliás, uma das marcas da tradição moderna: a incorporação da própria crítica, sob formas variadas, no interior do projeto de construção da obra. (ARRIGUCCI, 2003, p. 124)

Entre os poetas do Modernismo brasileiro, Manuel Bandeira se destaca pela naturalidade, em consonância com sua obra que amadurece nas décadas de 20 e 30. Sua poética, como afirma Davi Arrigucci Junior (2003), tem uma simplicidade natural, uma mescla estilística inovadora e moderna com a utilização das palavras mais simples do cotidiano em que consegue imprimir a mais elevada emoção nas suas poesias.

Manuel Bandeira organizava seus livros partindo dos sentimentos, não estava preocupado com a cronologia e sim com a temática, o sentido, o envolvimento que tinha com sua poesia.

Quando publicou "Vou-me Embora pra Pasárgada", o poeta trouxe sentimentos, sonhos, desejos, vontades, planejamento para o futuro que talvez na vida real não possam existir, mas que no plano imaginário, é possível arriscar e inovar, idealizar. De certo modo, essa poesia é atual, o desejo de partir e encontrar o novo, de realizar sonhos e viajar no infinito devaneio seria uma fuga oportuna, o ser humano precisa de momentos de evasão, de sonhos, de alento.

### *Vou-me embora pra Pasárgada*

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente  
Que Joana a Louca de Espanha  
Rainha e falsa demente  
Vem a ser contraparente  
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica  
Andarei de bicicleta  
Montarei em burro brabo  
Subirei no pau-de-sebo  
Tomarei banho de mar!  
E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe-d'água  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcaçoide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
– Lá sou amigo do rei –  
Terei a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada.

(BANDEIRA, 2008, p. 143)

Portanto, analisar cada verso como único e como conjunto de ideias tão intrigantes pode ser um caminho para compreender o poeta que marca a poesia com a expressão “Vou-me embora pra Pasárgada/ Lá sou amigo do rei”, Manuel Bandeira (2008, p. 143). Como de fato, se é amigo do rei tudo se pode fazer, querer, realizar. No Brasil, desde a colonização até os dias atuais ser “amigo do rei” é uma maneira de conseguir o que se quer sem ter que cumprir regras, seguir protocolos, é a oportunidade de ludibriar as situações e arrumar uma forma de ultrapassar barreiras, conseguir privilégios. Vale ressaltar, segundo Roberto Schwarz (2004) “O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais”. Essa característica cultural e histórica da sociedade brasileira se aplica na literatura como exemplo e é possível citar os romances e até a poesia como é o caso da expressão “Lá sou amigo do rei” no estudo apresentado. Assim, observa-se a possibilidade da identificação com o cotidiano

do leitor de acordo com as seguintes observações:

[...] o poema condensa não apenas um sentimento pessoal, mas também social ligado, a um só tempo, à vazia repetição e à falta de sentido da vida cotidiana num mundo em processo de mercantilização, bem como a certo sentimento de não-pertencimento e não identificação com o Brasil, bastante comum entre nós. (FLORES JÚNIOR, 2015, p. 314)

O contexto citado faz alusão ao fato da poesia de Manuel Bandeira ter esse sentido atual e crítico que desperta no ser humano, até hoje, a reflexão dos acontecimentos cotidianos e a vida em sua simplicidade.

Em relação aos temas que abordou, o poeta dedicou parte de sua obra à figura feminina, que sempre esteve presente como é o caso de sua poesia intitulada *Mulheres* ou também como as poesias cujos títulos são nomes de mulheres, presentes no livro *Mafuá do Malungo* (1948). Na vida real, no entanto, ficou solteiro e seus amores não foram bem correspondidos. Experimentou a solidão, mas na poesia pode modificar esta circunstância, quando afirma: “Lá tenho a mulher que eu quero/ Na cama que escolherei”, Manuel Bandeira (2008, p. 143) neste aspecto, dá para imaginar uma mulher sensual, linda, o objeto de desejo do poeta sem os problemas reais para atrapalhar, aproximando-se da ideia de um futuro relacionamento, do encontro com a mulher que sonha.

Afirma ainda, nos versos a seguir

Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente

(BANDEIRA, 2008, p. 143)

como se lá fosse possível ser inconsequente, livre, este “lá” é um lugar onde a felicidade está presente, no incerto, na novidade, e aqui na vida real o destino nem sempre é favorável ao ser humano, principalmente num caso de doença, sem perspectiva de cura como a tuberculose.

Neste lugar tão mágico, no imaginário, o eu-lírico fará ginástica, andar de bicicleta, tomará banho de mar, a essa liberdade, o fôlego e a força a que se refere e parece fácil, próprio da vida boa, o poeta retomará até o folclore quando cita a mãe-d’água e as histórias que ouviu para afirmar este lugar de sonho e possibilidades. No trecho citado, há aspectos folclóricos brasileiros em que o poeta invoca por lembrar-se de seus tempos de infância, mas também para expressar sua capacidade imaginativa e criadora na representação de uma realidade que brinca e debocha da aspreza do cotidiano.

Ao observar a produção poética bandeiriana, percebe-se o poeta tomando as rédeas de uma forma estética peculiar e de organização em que emprega sua experiência humana e artística num universo muito particular que transforma e mistura a linguagem, a criatividade, a realidade e o sonho numa demonstração do “eu” em sua própria emoção poética. Em sua obra tem a marca das tensões, entre polos extremos ele lança mão de versos que vão do real ao imaginário, passeia entre ciência e arte e brinca entre o mito e a razão. Segundo Wilson José Flores Júnior (2015, p.315) o:

Fato é que há no poema um encanto aparentemente inesgotável e quase irresistível. E a raiz desse encanto, ao menos em parte, remonta a um imaginário que foi insistentemente reposto nos diferentes momentos de modernização do país e chega até hoje com uma força, a um só tempo, sedutora e incômoda.

Se Pasárgada tem tudo e lá nada é proibido, com certeza é o melhor lugar para viver, a essa ideia de fuga percebe-se a desforra, o desafo, mencionado por Wilson José Flores Júnior (2015) como a utilização de uma metáfora do desejo de evasão, que na representação da poesia encontra o consolo aceitando a vida com suas frustrações e estende ao mesmo tempo uma palavra de conforto aos leitores que sentem o desejo de fuga nas mais diversas situações da vida.

Até mesmo na mais triste das horas, no desespero, na falta de esperança, quando a vontade de fugir pode ser tão grande ao ponto de querer morrer, não há melhor remédio,

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei

(BANDEIRA, 2008, p. 143)

Nesse sentido, o poeta buscou a fuga da realidade, tentou esconder a dor sentida por saber que a vida nem sempre corresponde às expectativas, pode ser bem dura, pode ser fria e nada há para fazer a não ser encarar os fatos e seguir tentando melhorar os ânimos.

São inúmeros os fatores que compõem a trajetória do poeta e sua formação, suas leituras, a convivência com amigos que também eram considerados vanguardistas como, por exemplo, Mário de Andrade. A delicadeza, a fragilidade e a franqueza que contribuíram para a obra de um poeta Modernista, em que a simplicidade e a sutileza provocam no público um sentimento de agradecimento por ter a oportunidade de ler poesias de tamanha grandeza.

Manuel Bandeira representa a vanguarda por ter assumido uma causa poética muito particular, realizando um exercício metapoético como ninguém e defendendo sua própria maneira de fazer poesia, transitando muito bem entre as vertentes e os movimentos e se consagrou pela qualidade de sua obra.

#### **4. Considerações finais**

Retomando a perspectiva de vanguarda abordada, neste artigo foi possível perceber que os movimentos literários foram marcos importantes para a modificação da produção artística no país, e, como muitos autores representam a vanguarda no Brasil, abordamos neste estudo a contextualização do Romantismo ao Modernismo para explicar um pouco a maneira como os movimentos influenciaram os artistas e os artistas influenciaram os movimentos.

Como as questões sociais, políticas e econômicas interferem na arte, e o Brasil sendo historicamente influenciado também pela cultura europeia, percebe-se que a partir da colonização o país seguia as normas e as técnicas dos países europeus. Uma vez que o futuro do país era projetado nos acontecimentos ocorridos por lá, assim também os artistas brasileiros perseguiam o ideal europeu.

O Modernismo representa a ruptura com esta dependência. Os artistas brasileiros queriam imprimir uma marca pessoal e bem brasileira em sua arte; quando se fala em poética pessoal, esta é a diferença que se procura explicar, pois cada artista tem sua própria característica e imprime sua marca em cada obra, produz em série, projeta temáticas, discute ideais e nem sempre também é compreendido, nem todas as obras tem boa aceitação pelo público. Quando há uma mudança de situação econômica e, conseqüentemente o público consumidor, muda-se a obra de arte. Em meio a esse contexto, percebe-se que a arte-pela-arte passou a existir a partir da quebra de estereótipos, quando a coragem e a ousadia superaram os padrões europeus.

Sendo assim, a figura inquietante de Manuel Bandeira trouxe a este artigo a leveza, a franqueza, a dor, o desafio, a mudança que um poeta pode representar: foi um poeta de vanguarda, talvez um dos mais ousados, trouxe a novidade, a beleza, o sentimento, a angústia e a capacidade de produzir poesia de qualidade, bem brasileira ao ponto de ser elogiado pela crítica e proporcionar ao público o deleite de sua obra, e se na vida



tudo parecer estranho, difícil, triste, tente o imaginário e vá para Pasárgada, conforme afirmou Manuel Bandeira (2008): lá tudo pode ser diferente, inconsequente, ser escolhido, decidido e intrigante.

Cabe ressaltar que a arte, a poesia e a literatura são fruídas por cada um de acordo com as possibilidades e experiências individuais, mas é sempre bom poder discutir e desvendar o poder que a palavra exerce sobre o leitor. Não é possível ter uma verdade absoluta, é provável que o caminho seja abrir a discussão e procurar respostas, quebrar estereótipos, acompanhar as mudanças e perceber que a vanguarda é o que move os estilos, os movimentos artísticos e de certo modo a poética pessoal.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

CAVALCANTI, Camillo. Poéticas de Bandeira e Drummond. *Revista Garrafa*, vol. 6, abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/9402/0>> Acesso em: 22-11-2017.

FLORES JUNIOR, Wilson José. Vou-me embora pra Pasárgada: devaneio e processo social. *Cerrados*, n. 39, 2015.

GULLAR, Ferreira. *Vanguarda e subdesenvolvimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ROCHA, Fátima. Itinerário de Pasárgada, de Manuel Bandeira: o escritor-leitor em sua oficina poética. In: RODRIGUEZ, Benito Martinez. (Org.). *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*, jul.2011. Curitiba: CENTRO, CENTROS: Ética, Estética. UFPR. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0606-1.pdf>>. Acesso em: 21-06-2017.

SCHWARZ, Roberto. *As ideias fora do lugar*. São Paulo: Penguin e Cia. das Letras, 2014.